

# Subjetividades e Infâncias na Educação Musical: uma etnografia de representações culturais em uma escola-núcleo de PIBID MÚSICA

## Comunicação

Vânia Beatriz Muller

Universidade do Estado de Santa Catarina  
vabem@yahoo.com.br

**Resumo:** Este artigo diz respeito à pesquisa em andamento, que investiga a artisticidade na infância. A infância observada, em atividades artístico musicais, é a da comunidade escolar onde atuamos através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID – CAPES. As crianças são observadas desde agosto de 2016, nas atividades de sala de aula de música curricular, do 1o ao 6o ano do Ensino Fundamental, e nas atividades extra-classe: oficinas de instrumentos e de grupos instrumentais e vocais, além das performances abertas ao público; atividades todas desenvolvidas pelo referido programa federal. Metodologicamente estamos realizando uma Etnografia, com inserção no campo, observação, registros de áudio e vídeo e descrição densa das atividades musicais, focando principalmente, a natureza do envolvimento das crianças nas performances musicais. São dois os objetivos centrais do estudo: 1. averiguar se e em que medida, a artisticidade infantil tem influências do modo organizativo sócio-sistêmico neoliberal, a partir de características como a homogeneização, a fragmentação, o individualismo, a competitividade e o utilitarismo; e 2. conhecer o que se pode aferir das representações das identidades sociais de Gênero, Classe, Raça/Etnia, Sexualidades, Religião e Geração, veiculadas entre as crianças, também através de suas práticas musicais. Resultados iniciais apontam que as práticas musicais das crianças veiculam representações de Gênero, Raça e Classe, principalmente, bem como se observa que a fragmentação e o utilitarismo estão presentes, em alguma medida, no modo como as crianças se relacionam com música.

**Palavras chave:** Artisticidade e Infância; representações culturais; Educação Musical e Subjetividade.

## Introdução

Este artigo trata de pesquisa em andamento, sobre a artisticidade na infância, na interface de sua relação com o mundo adulto e o sócio-sistêmico neoliberal, em uma escola da rede pública de ensino. A infância observada é a da comunidade escolar na qual estamos inseridos, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID – CAPES, o "pibid música", como é ali chamado.

As características a que nos referimos são a fragmentação, a homogeneização e a competitividade (PELLANDA, 2001; DELEUZE, 2000; GUATTARI, 1992; AUTOR) e, ainda, o

Individualismo que nasce com a Modernidade (DUMONT, 2000; 1997). Mais pontualmente, nós estamos observando em que medida e como o utilitarismo, também sistêmico (GENTILI, 2005), pode transversalizar a relação das crianças com música. As características sócio sistêmicas mencionadas, as entendemos como constituintes da cultura, esta, tomada aqui no seu sentido antropológico (GEERTZ, 1989), o que significa, sinteticamente, aquilo que está subjacente às relações de quaisquer grupos sociais, quanto aos valores que permeiam a(s) ética(s) e a(s) moralidade(s) que configuram seu tecido social (BOURDIEU, 2006; 2012). Nesta direção, nos tem chamado a atenção estudos que apontam a grande importância dos marcadores de identidades sociais - de Gênero, Classe, Raça/Etnia, Religião, Sexualidades e Geração - na produção de subjetividades, bem como a interseccionalidade que envolve sempre duas ou mais destas categorias identitárias mencionadas (SCOTT, 1992).

## **Objetivo Geral da Pesquisa**

Descrever o *ethos* da Infância na escola-núcleo do PIBID Música CAPES/UEDESC.

## **Objetivos Específicos**

Registrar e caracterizar a Educação Musical que está sendo oportunizada pelo PIBID MÚSICA na escola-núcleo;

Observar em que medida e os modos como as características sócio culturais sistêmicas têm implicações na artisticidade e na produção de subjetividades das crianças em atividades musicais;

Observar em que medida e os modos como as representações de Gênero das crianças são veiculadas através de suas práticas musicais;

Observar como se dão as intersecções de Gênero com as demais marcas sociais de diferença - Classe, Etnia, Sexualidades, Religião e Geração - , entre as crianças da escola-núcleo.

## **Fundamentação Teórica**

Nosso interesse no universo da Infância, e as possibilidades de desenvolver entre crianças a noção de Cidadania, decorre de estudos da origem sistêmica das opressões humanas – a partir de suas identidades sociais – no mundo adulto. Isto foi fortemente estimulado pela abordagem que Bauman (1999, 2000, 2001, 2005) faz da sociedade contemporânea globalizada e as conseqüências históricas e culturais da moral e da ética modernista/capitalista que, segundo ele, estão em nosso cotidiano:

Viver diariamente com o risco da auto-reprovação e do auto-desprezo não é fácil. Com os olhos postos em seu próprio desempenho – e portanto desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas -, os homens e mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação a fim de tornarem as causas do sofrimento inteligíveis e, assim, tratáveis. Não que considerem as ‘soluções biográficas’ onerosas e embaraçosas; simplesmente não há ‘soluções biográficas para contradições sistêmicas’ eficazes, e assim a escassez de soluções possíveis à disposição precisa ser compensada por soluções imaginárias. No entanto – imaginárias ou genuínas -, todas as ‘soluções’, para parecerem razoáveis e viáveis, devem ser acompanhadas pela ‘individualização’ das tarefas e responsabilidades. Há, então, demanda por cabides individuais onde os indivíduos atemorizados possam pendurar coletiva, ainda que brevemente, seus temores individuais (BAUMAN, 2001, p. 48).

Através de temas como cidadania, emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade, o autor aponta algumas razões para o sentimento de incapacidade em ver e lidar com os sofrimentos humanos que, segundo ele, assolam os indivíduos cotidianos e “naturalmente”. A partir deles, fomos instigados a formular algumas questões que parecem pertinentes ao universo da Infância (RODRIGUES, 2014): a) Em alguma medida, as práticas musicais na comunidade escolar são o lugar oposto dos “lugares fágicos, não-lugares, espaços vazios” também para crianças, característicos de nosso tempo onde o lugar dominante é o “templo do consumo” (Id.2001, p. 115) ? b) As práticas musicais da comunidade escolar - considerando que participam professoras/es e familiares das crianças - são buscadas como possibilidade de relações sociais distintas dos “laços humanos no mundo fluido” (id. p. 184), formais, institucionalizadas, sem encontros reais? c) As práticas musicais são também uma busca de “comunidade” e podem ser o tempo/espaço “onde o público e o privado se encontram” (1999, p. 48)? d) E possibilitariam, em alguma medida, a dissolução e/ou

comunhão da “não- santíssima trindade de incerteza, insegurança e falta de garantias” (p. 207), muito embora as crianças provavelmente não tenham consciência disto?

Nesta direção, estamos investigando em que medida e como a música se insere no universo infantil, enquanto possibilidade de produção de subjetividades (GUATTARI, 1993), de devir em Deleuze (2000) , e também, como as práticas musicais veiculam suas representações culturais e seus discursos identitários de Sexualidades, Gênero, Classe, Etnia, Religião e Geração. Nas palavras de Cardoso (1999), quando discute conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze (2000), afirma: “O devir possui um caráter eminentemente político que está presente em todo tipo de ação. [...] A liberação de uma singularidade é um acontecimento na ordem política” (p. 23). Desta forma, poderemos observar em que medida as dinâmicas e o movimento das minorias identitárias determinam e configuram o grupo social majoritário da comunidade escolar. A esse respeito, Cardoso Jr. argumenta:

Acontece que os fluxos de fuga proporcionados pela agitação da minoria não são uma passagem para fora do campo social, não são uma fuga do campo social. Ao contrário, as linhas moleculares são constitutivas do campo social, isto é, de suas segmentaridades duras. São as minorias em seus movimentos de fuga que traçam os devires e as fronteiras do político em um campo social (CARDOSO, 1999:26).

A questão que se nos apresenta, no momento, é a complementaridade entre a observação do particular e do geral, com a interseccionalidade das identidades sociais, como força teórica e metodológica para observação e análise de contextos socioculturais concretos, quando se sabe do caráter polimórfico (ELIAS, 1982) – e muitas vezes invisível – do poder hegemônico em opressões humanas, quanto mais na Infância. E observar como as vivências musicais de uma comunidade escolar participam e permeiam aspectos tão vitais e determinantes da vida, acreditamos, nos permitirá ampliar o conhecimento sobre a importância da música para o ser humano, e para a Infância.

Quanto à categoria de Gênero, julgamos de extrema importância para interpretação e análise do dados, considerando que a escola é produto, mas também reprodutora da cultura. Para compreender a(s) origem(s) da inferioridade da mulher e a correspondente supremacia do homem, temos significativas contribuições da historiadora Joan Scott. Em seu artigo Gênero: uma categoria útil de análise histórica, sua própria definição de gênero traz implícita a

complexidade de aspectos a se considerar, quando se trata de significar a relação de gênero nas relações sociais. Como Scott coloca,

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p. 14).

Assim, esta autora argumenta que o gênero pode se apresentar no contexto das relações sociais, através de quatro elementos:

[ a ] os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas [...]; [ b ] os conceitos normativos que põe em evidência as interpretações do sentido dos símbolos [...]; [ c ] a noção de fixidez que produz a aparência de uma permanência eterna na representação binária do gênero; [ d ] a identidade subjetiva” (SCOTT, 1990, p. 14-15).

Sem pretender minimizar a importância de nenhum dos aspectos acima delineados por Scott – ao contrário, salientamos que ela própria afirma que “nenhum dentre eles pode operar sem os outros” (Id. *ib.*, p. 15) – é relevante focalizar o aspecto b, os conceitos normativos, pois que eles se encontram expressos

nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas etomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneiracategórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. [...]A posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível” (SCOTT, 1990, p. 14-15).

Ou seja, quase podemos visualizar como os conceitos normativos se tornam prática, sendo transportados para se materializar onde são vividos, reificados cotidianamente no interior das relações sociais. Estamos observando que práticas musicais podem ser este “transporte”, perpetuando a lógica da norma dominante – a da oposição binária de gênero – e, assim, subsequentemente, de geração em geração, pode reificar a inquestionabilidade sobre o que é feminino, o que é masculino. Julgamos de extrema pertinência, portanto, esta investigação, considerando que seu cenário - uma escola - é um potencial produto da cultura sistêmica, mas também, reprodutora dela.

## Metodologia

Atuam nesta investigação, uma bolsista de Iniciação Científica e dois pibidianos, além desta coordenadora. Para observar as crianças em suas práticas musicais, desde agosto de 2016 estamos realizando uma etnografia, o que consiste em observação e registros em diário de campo e em áudio e vídeo, a partir de uma imersão no campo, visando condições e boa qualidade de dados, que possibilitem uma descrição detalhada e densa (GEERTZ, 1989) dos sujeitos da pesquisa e do contexto no qual estão inseridos.

A Etnografia, entendemos que se apropria para a natureza das questões centrais e específicas a que se propõe esta pesquisa, associadas que estão, de um modo ou de outro, ao ethos da infância da escola-núcleo do PIBID MÚSICA. Para tanto, observamos as crianças tanto em suas atividades musicais, propostas pelo referido programa, como nas demais atividades do cotidiano escolar. Deste modo, as observações e a imersão no campo considera a abrangência de seus aspectos e temáticas que se referem à Cultura (GEERTZ, 1989), para além das atividades musicais especificamente. É preciso observar os recreios, corredores, aulas de Educação Física nas quadras esportivas da escola, as “Festas da Família” aos sábados, a relação com seus familiares e com professoras/es na chegada e saída da escola, procurando alcançar os valores e a ética das crianças, suas visões de mundo, expectativas sobre a vida, e como se caracterizam suas relações sociais.

As atividades musicais observadas são as aulas de música curriculares do 3o ao 6o. Ano do Ensino Fundamental, que acontecem semanalmente, com duração de 1h cada; e as oficinas extra-classe de Piano, Violão, Violino, Percussão, Grupo de Canto Infantil, Grupo de Canto multi-geracional, das 17h45 às 18h45.

Outro momento e locus de observação é de frequência mensal, quando há uma performance musical de grupos vindos de fora da comunidade escolar e de músicos-estudantes do Departamento de Música da xxxxxxx, no auditório da escola, sempre em uma quinta-feira, das 16h30 às 17h30. Nestes eventos mensais de performance musical, quando as crianças das turmas mencionadas as presenciam/assistem, mas também se apresentam, temos grande aposta na riqueza de dados para o que estamos estudando sobre a Artisticidade e a produção de Subjetividades na Infância. Inclusive, para ligar nossos dois eixos temáticos de interesse: as

implicações sócio sistêmicas sobre a Infância e suas subjetividades, e suas representações das identidades sociais de Gênero, Classe, Etnia, Sexualidades, Religião e Geração.

A partir das observações e registros de performances musicais ao vivo com as crianças, até o momento, avaliamos que está no momento de elaborar questionários com questões específicas, às quais poderão favorecer uma assertiva mais pontual, nos aspectos e temáticas que julgamos necessitar “chegar mais perto”; em geral, sobre questões do âmbito subjetivo das crianças e suas relações sociais, não são usualmente comentadas por elas próprias, de modo espontâneo.

## Resultados Iniciais

São ainda prematuros os resultados conclusivos da presente investigação, prevista para terminar em julho de 2019. Porém, já se pode observar que, sim, as representações sócio-sistêmicas de algumas características neoliberais, se encontram em práticas musicais observadas. Principalmente aquelas que, no seu inverso, se associam ao aspecto comunitário da música (SMALL, 1989); por exemplo, o individualismo e a fragmentação, o que esperamos demonstrar em áudios e vídeos, na apresentação deste trabalho no congresso, em Natal.

Também já foi possível observar que canções do universo afrodescendente, podem facilmente desencadear riso, o senso do ridículo, o medo e, também, o preconceito racial. Porém, ainda estamos em fase de esclarecimento deste dado, já que esta identidade social - a de Raça - observamos que se intersecciona com Classe mas, no caso deste grupo social, mais fortemente com a identidade social de Religião. Já tivemos crianças proibidas de participar das aulas de música, pelo fato do repertório ser afrodescendente, ou/e utilizar tambores.

Por estes fatos já registrados, dentre outros, acreditamos que pode ser de enorme valia a produção desta natureza de conhecimento, para as formulações de conteúdos, objetivos e metodologias de ensino e aprendizagem de música, bem como para as subáreas de criatividade e composição musical, didática da música, formação de educadoras/es musicais e outras especificidades, que poderão beneficiar a Educação Básica e os contextos da escola pública.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. Pós-modernidade ou vivendo com a ambivalência. In: **Modernidade e Ambivalência**. RJ, Jorge Zahar Ed., 1999. p. 244-297.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: ZOUK; São Paulo: EDUSP. 2006.

CARDOSO, Hélio Rebello. Conceitos Onto-Políticos No Pensamento De Gilles Deleuze: "Minoria" Como "Devir-Minoritário". **Política e Trabalho** n. 15 – PPGS – UFPB – Setembro, 1999 - pp.21-28.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: uma perspectiva da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **Homo Hierarquicus: o sistema de classes e suas implicações**. São Paulo: EDUSP. 1997 [1967].

ELIAS, N. **Sociologia Fundamental**. Barcelona: Gedisa, 1982.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GENTILI, Pablo. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; GENTILI, Pablo. **Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. São Paulo: Editora CNTE, 1995. p. 9-49.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: Parente, André (org.) **Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual**. São Paulo: Editora 34, 1993, p.177-191.

\_\_\_\_\_. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992

PELLANDA, Nize. À Guisa de introdução: reflexões sobre neoliberalismo e subjetividade. In: MCLAREN, Peter. **Pedagogia da Utopia**. Conferências da UNISC, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.



RODRIGUES, Patrícia Cruzelino. **Participação política de meninos e meninas**: expedições de experiências e reflexões em curso. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e realidade**, Vol. 16 (2), Porto Alegre, 1990, pp.5-22.